



Machismo em Alegoria: Análise do Discurso da Matéria Carla Bruni: a Rainha Está Nua na Revista Época¹

Vagner Barreto RODRIGUES²
Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

Este artigo pretende analisar uma matéria veiculada na revista *Época*, que trata do lançamento da biografia não autorizada da então primeira-dama da França, Carla Bruni. Por meio da análise do discurso e do conceito de alegoria, presente na obra de Walter Benjamin, busca-se mostrar como o machismo pode estar presente nos relatos jornalísticos. Partindo da hipótese de que vivemos em uma sociedade patriarcal, que influencia diversos aspectos de nossas concepções sobre o feminino, esse artigo busca averiguar o quão intrinsecamente o machismo pode estar inserido no discurso midiático.

PALAVRAS-CHAVE: Alegoria; Análise do Discurso; *Época*; Machismo; Walter Benjamin

Introdução

Em 2010, a revista *Época* estampou, em uma página inteira, a fotografia da então primeira-dama francesa, Carla Bruni, onde ela puxa a gola do vestido, destacando seu busto, enquanto olha para a câmera – e para o leitor, por consequência. A matéria – Carla Bruni: a rainha está nua – que acompanha a fotografia busca divulgar o lançamento da biografia, realizada a revelia da ex-modelo e cantora, *Carla: une vie secrète* (Carla: uma vida secreta, em tradução livre).³

A matéria chama atenção pelo conteúdo machista⁴ e pejorativo que busca associar à imagem de Carla Bruni. Esse artigo busca estruturar alguns argumentos que apontam o discurso não dito, mas presente, na matéria e seus meandros punitivos e

¹Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Acadêmico do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Email: vgnbrtt@gmail.com. Artigo realizado sob a orientação da professora Doutora Marlene Branca Sólito.

³ Coincidentemente, no atual momento, as biografias não autorizadas chegaram, como nunca antes, na grande mídia brasileira, por meio de protestos de artistas, como Caetano Veloso e Roberto Carlos, que se sentem lesados por esse tipo de obra. Entretanto, aqui não se questionará a legitimidade dessas obras, mas sim algumas consequências que as mesmas podem gerar. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/10/1352167-gil-e-caetano-se-juntam-a-roberto-carlos-contras-biografias-nao-autorizadas.shtml>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

⁴ Pode-se entender o machismo como o comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher. Ou, “uma maneira de pensar que coloca os homens como detentores do poder sobre as mulheres”, nas palavras da socióloga e escritora Marília Moschkovich. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/o-machismo-sutil-de-quem-nos-cultua-4591.html>>. Acesso em: 07 nov. 2013.



alegóricos.

Pode-se dizer que a sociedade ocidental, guiada, em sua maioria, pelos conceitos judaico-cristãos, é formada seguindo padrões da moral patriarcal, onde o feminino é posto em segundo plano. Como os jornalistas estão inseridos nessa sociedade, não é de se estranhar que eles carreguem alguns dos valores normativos moralistas como influência. Para Lamoglia e Minayo (2005, p. 02, *grifos das autoras*), a

concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero.

A cultura determina nossos modos de ver, interpretar e analisar o mundo e os fenômenos que nos rodeiam.⁵ Logo, enquanto sociedade patriarcal, somos expostos ao pensamento machista de diversas formas, explícitas ou não, que contribuem para a construção da nossa forma de compreender as relações sociais e interpessoais.

Essa cultura, inserida de forma subjetiva em nosso cotidiano comunicacional, pode ser determinante quando escrevemos uma reportagem, criamos uma peça publicitária ou defendemos a imagem de uma organização ou pessoa.⁶ Assim, pretende-se investigar como esse discurso pode ser usado na construção da imagem midiaticizada. Busca-se, também, repensar o lugar do jornalista enquanto formador de opinião quando se posiciona sobre determinados temas, carregando sentidos diversos que representam e retratam o outro.

Charaudeau (2009, p. 78, *grifos do autor*), na obra *Discurso das mídias*, afirma que:

Em nome da credibilidade, o jornalista se coloca como simples fornecedor de informação, simples *mediador* entre os acontecimentos do mundo e sua encenação pública, assumindo-se como a testemunha mais objetiva possível. Na realidade, como a instância midiática é obrigada a pôr a informação em cena, esta se torna um objetivo inteiramente mediado. Não raro, o jornalista se apresenta como o *revelador* da informação oculta e, nesse sentido, assume o papel de

⁵ Segundo o antropólogo Roberto DaMatta, cultura é “um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas”. Disponível em: <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/DAMATTA_voce_tem_cultura.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2013.

⁶ Entende-se imagem, segundo descrito por Reis (1991), como uma construção individual, e da ordem do subjetivo, em constante processo de significação e ressignificação.



adversário dos poderes instituídos e de aliado do público, procedendo a interrogatórios, instruindo questões e, aspirando aos papéis de juiz ou detetive.

Aqui, questiona-se o papel do jornalista na construção do discurso sobre o outro, e as consequências políticas que este discurso causa, bem como, aos propósitos para os quais ele é utilizado.

Época e o meio de campo comunicacional

A revista *Época* lançou sua primeira edição no Brasil em 25 de maio de 1998 pela Editora Globo, como uma forma de competir no filão de mercado das revistas semanais de variedade, como a revista *Veja*, editada pelo grupo Abril. Para Krupiniski (2011, p. 56), a “segmentação do poder de Roberto Marinho, em 1998 o leva à criação da revista *Época* que, com pouco tempo de existência, tornou-se uma das maiores revistas em circulação no Brasil”.

Segundo dados da Editora Globo⁷, a revista *Época* possui uma tiragem superior a 400 mil exemplares por semana, sendo 10% adquirido em bancas e o restante por assinantes. Quanto ao público leitor, 64% são das classes econômicas A e B; a classe C é responsável por 32% e as demais classes formam apenas 4% dos leitores. Quanto ao gênero, pode-se notar um equilíbrio: 52% do público é feminino e 48% masculino.

Em suas próprias palavras⁸ a revista possui “abordagem inovadora, informações precisas e espaço para todas as correntes de pensamento” e “fornece um jornalismo de primeira e dá as ferramentas para que o leitor forme sua própria opinião”.

Para Mirabili (2011, p. 58),

Baseadas no estilo da revista americana *Time* e na alemã *Focus*, que valorizam o padrão gráfico e de imagem da apresentação das reportagens, a revista *Época* é uma das grandes publicações semanais no Brasil. De acordo com a ANER (Associação Nacional de Editores de Revista), tem circulação média estimada em aproximadamente 420 mil exemplares, com um público leitor certamente multiplicado, uma vez que a revista é um bem consumido individualmente e coletivamente, em locais públicos e comerciais.

Atualmente, a revista ocupa o segundo lugar no mercado das revistas semanais,

⁷ Disponível em: <http://corp.editoraglobo.globo.com/wp-content/themes/corporativo/MKIT_GERAL_EG.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2013.

⁸ Idem.



atrás apenas da revista *Veja* e à frente da revista *IstoÉ*, trio que forma as revistas semanais de variedade mais lidas no Brasil.

Época busca, desde seu lançamento, criar sobre si a imagem de uma revista conectada com seu tempo, contemporânea. Diferentemente do imaginário criado em torno da revista *Veja*, vista como mais tradicional e com forte tendência para assuntos relativos à política e da revista *IstoÉ*, tida por uma parte da população como uma revista de “esquerda”. Para Azubel (2012, p. 37):

Dessa maneira, a revista pretende ser vanguarda no mercado editorial brasileiro. Suas coberturas jornalísticas abrangem fatos do Brasil e do mundo, em temáticas diversas, que vão desde política e economia a comportamento, moda, artes e espetáculos. Diferentemente de *Veja*, que aposta na tradição e dá mais destaque à política, *Época* pretende ser plural em tempos de mudanças.

Com todo o respaldo de uma iniciativa do conglomerado Globo, a revista *Época* conta com investimentos de fôlego quando ao aparato tecnológico e estrutural, seja no formato impresso ou em seu site e conteúdos disponibilizados de forma digital.

Análise do discurso

O discurso está diretamente ligado à linguagem, entendida aqui como um sistema de signos, que por consequência está associado à fala, desenvolvida pelos homens em suas relações sociais. Porém, o discurso vai além do puramente gramatical e linguístico. Assim, a

Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 1999, p. 15).

Prática relativamente recente, a Análise do Discurso surgiu na França, na década de 1960, e se difundiu entre várias áreas de estudos, como Psicologia, Sociologia e Comunicação. Nesse período, a França passava por grandes movimentos sociais, políticos e culturais, que influenciaram diversos setores da sociedade, inclusive o



acadêmico, culminando, em 1968 – com grande parte da população francesa indo às ruas protestar.

A Análise do Discurso, nesse panorama histórico, buscava entender o momento político por meio dos discursos produzidos em um contexto com oposições bem marcadas: discurso de esquerda *versus* discurso de direita.

Para analisar esses discursos, a AD, definida inicialmente como “o estudo lingüístico das condições de produção de um enunciado” não se limita a um estudo puramente lingüístico, isto é a analisar só a parte gramatical da língua (a palavra, a frase), mas leva em conta outros aspectos externos à língua, mas que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos que cercam a produção de um discurso e nele se refletem; o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na comunidade (BRANDÃO, s.d., p. 06, *grifo da autora*).

Essas condições, que transcendem a linguagem, não podem ser desconsideradas, assim como sua presença na produção do discurso deve ser examinada. Logo, as condições sobre as quais o discurso analisado foi produzido devem ser levadas em consideração, “o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto de que estão tratando” (BRANDÃO, s.d., p. 06) contribuem para o conjunto discursivo final.

A compreensão do conceito de ideologias é interessante para apontar fatores que contribuem na construção do texto e, por consequência, do discurso. Entendida aqui no sentido apresentado por Marx e Hegel, a ideologia serve, muitas vezes, para propósitos de dominação. Para Chauí (1980, p. 30), a

ideologia não é um processo subjetivo consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos. Ora, a partir do momento em que a relação do indivíduo com a sua classe é a da submissão a condições de vida e de trabalho pré-fixadas, essa submissão faz com que cada indivíduo não possa reconhecer-se como fazedor de sua própria classe.

Assim, questiona-se o papel do jornalista, enquanto formador de opinião, na utilização de seu lugar para a construção discursiva ideológica do outro – e os efeitos desse discurso sobre o outro. “O nível discursivo apóia-se sobre a gramática da língua (o fonema, a palavra, a frase)”, contudo, “é importante levar em conta os interlocutores



(com suas crenças, valores) e a situação (lugar e tempo geográfico, histórico) em que o discurso é produzido” (BRANDÃO, s.d, p. 03).

Sabe-se que aquele que fala, fala para alguém, de algum local, por meio de instituições sociais que o coloca em posições hierárquicas, logo, geradoras de poder. Carregados de sentidos o discurso pode gestar um campo carregado de disputas, tensões e silenciamentos, como veremos adiante.

A alegoria benjaminiana

Walter Benjamin, sociólogo, ensaísta e filósofo alemão, ficou conhecido como o “teórico da aura”. Foi membro, de forma não muito estável, da Escola de Frankfurt e, atualmente, tem sido redescoberto com entusiasmo devido a seu suporte teórico multidisciplinar. Reconhecido por sua escrita abrangente sobre temas diversos, normalmente relacionados à arte, à cultura e à modernidade, Benjamin voltou sua crítica para muitos conceitos, que vão das brincadeiras na infância ao drama barroco alemão e à fotografia.

As preocupações do autor são plurais, porém, ele faz da alegoria uma forma de interpretação da modernidade. “Benjamin, na sua teoria da arte, opõe ‘alegoria’ a ‘símbolo’, opõe também, na sua teoria da linguagem, ‘nome’ a ‘signo’” (JUNKES, 1994, p. 125, *grifos do autor*). Para Rouanet, na introdução de *A origem do drama barroco alemão*, o conceito de alegoria pode ser definido da seguinte maneira:

Etimologicamente, alegoria deriva de *allos*, outro, e *agoreuein*, falar na ágora, usar uma linguagem pública. Falar alegoricamente significa, pelo uso de uma linguagem literal, acessível a todos, remeter a outro nível de significação: dizer uma coisa para significar outra (BENJAMIN, 1984, p. 37).

Para Junkes (1994), Benjamin entende as ideias não como algo que existe em um mundo a parte do nosso, transcendental, mas como linguístico e presente na essência das palavras criadas pelos homens após sua saída, ou expulsão do éden. Assim, cabe ao alegorista, aquele que cria a alegoria, a função de “renomear”, ou seja, dar outra compreensão àquilo que é alegorizado.

A alegorização acontece essencialmente como fragmentação. Sendo a subjetividade e a historicidade categorias pragmáticas, sua



ambiguidade parece ser consequência necessária, vistas como subjacentes a alegoria como princípios fundamentais, determinando a constituição do seu sentido. Não tendo sentido por si mesmas, as coisas que o alegorista usa são insignificantes, resultando qualquer sentido a elas atribuído numa conexão subjetivamente estabelecida pelo alegorista (JUNKES, 1994, p. 129).

Ainda segundo a leitura de Junkes (1994, p. 130), o “alegorista, mudando as coisas, do significado original em novo significante, aponta as condições específicas sob as quais as coisas serão capazes de adquirir novo significado no mundo histórico”.

Mas, nesse processo de colagem, alguns fragmentos que pareciam esquecidos no passado, ou deixados em segundo plano, podem irromper no presente de forma assombrosa. “Pois irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela” (BENJAMIN, 1985, p. 224).⁹

Aqui, volta-se para os silenciamentos e rasuras, em um campo permeado de relações de poder. Para Benjamin (1985, p. 223)

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente.

A seguir, apresenta-se a análise de caso a que esse artigo se dedica, na tentativa de mostrar como a criação de alegorias pode ser perigosa quando se junta a alguns conceitos machistas presentes em nossos cotidianos.

Épocas machistas

A revista *Época*, em sua edição de 17 de setembro de 2010, traz estampada em sua capa a reportagem *O dinheiro que dá em árvores*, especial onde discorria sobre a lucratividade que pode ser gerada com os cuidados à natureza. Dá, também, destaque

⁹ Aqui se optou por uma correção a tradução brasileira. “Pois irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige ao presente”, encontra-se, na tradução, como “Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente”. No texto original pode-se ler: “*Denn es ist ein unwiederbringliches Bild der Vergangenheit, das mit jeder Gegenwart zu verschwinden droht, die sich nicht als in ihm gemeint erkannte*”.



para as eleições que se aproximavam. Traz, ainda, como destaque de sua capa, as mais novas técnicas de combate à calvície.

A abertura da sessão Primeiro Plano¹⁰ traz, nas páginas 13 e 14, a matéria Carla Bruni: a rainha está nua, sobre o lançamento da biografia não autorizada da então primeira-dama francesa Carla Bruni.¹¹

Porém, “está nua” não se refere à vestimenta da ex-modelo, uma vez que ela se encontra vestida na fotografia que ilustra a matéria, mas, em um sentido mais profundo, a estar descoberta, desvelada, sem proteção. O trocadilho remete ao conto de fadas onde a criança percebe que a roupa nova do rei não existe.¹² É Época quem faz este papel, nos apontando a, suposta, nudez moral de Carla Bruni.

Percebesse, ao longo de toda a matéria, duas vozes discursivas distintas que se apoiam e complementam: (1) a voz da jornalista Letícia Sorg, que assina a matéria e (2) a voz da escritora Besma Lahouri, responsável pela biografia, citada em diversos trechos.¹³ Em alguns momentos se torna difícil reconhecer qual das vozes traz a informação. A jornalista utiliza frases e afirmações feitas pela autora da obra, por meio do discurso indireto constrói seu discurso, utiliza a fala do outro para se eximir. Destaca-se que nenhuma outra fonte é citada ao longo de toda a matéria, cabendo questionar a tal pluralidade alegada pela revista.

Em determinado momento, a jornalista afirma que de “acompanhante de roqueiros casados e modelo de incontáveis ensaios de nudismo, ela [Carla Bruni] metamorfoseou-se em dama internacional que defende causas nobres [...]”. Interessante a escolha das palavras “acompanhante” e “dama”, nessa frase. “Acompanhante”, no Brasil, é um eufemismo utilizado para referir-se, de forma branda, as prostitutas ou garotas de programa, enquanto “dama” remete a mulher com comportamento exemplar. Logo, se Carla Bruni foi acompanhante de roqueiros casados, não pode, pela construção da matéria, ser uma dama legítima, principalmente uma primeira-dama. Época a condena, portanto, ao “fim da fila”.

¹⁰ Esta sessão aborda temas com foco em cultura, artes e artistas em geral.

¹¹ Aqui não será analisada a biografia em si, ou mesmo seu conteúdo, mas as consequências e utilização na montagem do discurso jornalístico.

¹² No conto de fadas, do dinamarquês Hans Christian Andersen, o rei é enganado e pensa que está vestindo uma roupa feita com tecidos que apenas pessoas inteligentes (em algumas versões são pessoas puras de coração) podem ver. Ao desfilar com a “roupa” em público, uma criança aponta e grita: “O rei está nu!”, desvelando a farsa.

¹³ O machismo pode estar tão arraigado na cultura ocidental que não surpreende o fato do livro e da matéria serem assinados por mulheres. Sobre o fato ler A mulher machista. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/a-mulher-machista>>. Acesso em: 10 nov. 2013.



A descrição da personalidade, e da vida, de Carla Bruni é muito utilizada para caracterizar o objeto da matéria e torná-la conhecida do público. Em uma parte questiona até “que ponto sua beleza e seu talento nas passarelas garantiram seu sucesso é difícil avaliar. Sua presença constante no noticiário, acompanhada de homens famosos, pode ter contribuído”. Dessa vez, por meio da ironia, põe-se em dúvida o talento da ex-modelo e cantora em oposição aos relacionamentos nos quais teria se envolvido ao longo da vida.

A construção de vida privada de Carla Bruni, com a qual nem repórter nem biógrafa tiveram contato direto, segundo dados da própria matéria, chega a fatos tão intrigantes quanto sua origem. Em uma citação afirma-se que, segundo “a biografia, Bruni alardeou para os amigos que havia conquistado Jagger – um ‘objetivo’ que teria estabelecido para si mesma aos 15 anos de idade”. Na construção do texto é possível ver a aproximação das falas da jornalista e da autora, que se auxiliam para a midiatização da imagem de Carla Bruni.

O discurso da jornalista, quase literário, cria um conto rico em detalhes, como quando afirma que o “caso de oito anos com Jagger acabou com um telefonema de Jerry Hall, com quem o roqueiro era casado”, segundo a matéria, Jerry Hall “teria ligado para Carla para exigir explicações. Diz o livro que a modelo negou o envolvimento e, afastando vagarosamente o fone do ouvido, desligou o aparelho”. Busca-se aqui criar uma imagem por meio do discurso, sempre com o apoio da biografia.

O caráter punitivo, tal qual sentença, é disfarçado por meio de uma justificativa sobre o suposto motivo dos romances nos quais a primeira-dama se envolveu. Para a jornalista, isso se daria devido ao abandono que Carla Bruni teria sofrido por parte dos pais ao longo da infância. “Isso explicaria o fato de viver cercada de homens.” Aqui, Letícia Sorg se autoriza o lugar de psicanalista, assumindo uma posição que não lhe cabe para autorizar-se a afirmação.

Para Benjamin (1985, p. 226, *grifo do autor*), a

tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo.



Porém, não podemos esquecer o caráter alegórico que a matéria possui. Segundo Rouanet, ainda na introdução de *A origem do drama barroco alemão* (BENJAMIN, 1984, p. 37), “a alegoria é a figura pela qual, falando de uma coisa, queremos significar outra”, então que outra coisa é significada pela alegoria? Ao longo da construção da matéria é desenhado um perfil bem claro sobre que o tipo de mulher que se está falando. Para a jornalista, Carla Bruni é adjetivada como: “beldade liberal”, “dom-juan de saias”, “bem-sucedida”, “*femme fatale*”, “supersedutora”, entre outros. O que esses traços apontam quanto à mulher no social contemporâneo?

Nessa alegorização, ao longo da matéria, é mencionada, de forma constante, a quantidade de ex-namorado que Carla Bruni teria tido ao longo de sua vida em uma clara visão sobre como deve ser o comportamento feminino como um todo. Ou seja: uma dama legítima não pode relacionar-se com diversos parceiros ao longo de sua história, muito menos com mais de um ao mesmo tempo.

Para Benjamin (1984, p. 205),

As alegorias envelhecem, porque sua tendência é provocar a estupefação. Se o objeto se torna alegórico sob o olhar da melancolia, ela o priva de sua vida, a coisa jaz como se estivesse morta, mas segura por toda a eternidade, entregue incondicionalmente ao alegorista, exposta a seu bel-prazer. Vale dizer, o objeto é incapaz, a partir desse momento, de ter uma significação, de irradiar um sentido; ele só dispõe de uma significação, a que lhe é atribuída pelo alegorista.

Carla Bruni, alegoriza uma série de comportamentos que chocam diversos padrões presentes em nossa sociedade, principalmente no que diz respeito à condição feminina atual e suas relações. Isoladamente, a vida de Carla Bruni, e seus parceiros, não explicam o sentido da matéria. Afinal, qual seria a quantidade *correta* de parceiros que uma mulher poderia ter ao longo da sua vida, e ainda permanecer uma dama? Mas se analisarmos o fato em perspectiva histórica, temos o quadro da liberdade sexual feminina conquistada nas últimas décadas, ao menos no mundo ocidental.

Vista sempre com ressalva pelos conservadores e machistas, que reconhecem nesse processo um afastamento da moral burguesa que comanda vários aspectos das nossas vidas, as conquistas femininas são combatidas de diversas formas. Entre estas formas, estão o descrédito e a ironia, presentes nessa construção alegórica da ex-



primeira-dama francesa, mas que dizem muito sobre como o feminino é retratado por uma parte da sociedade.

Quem reforça esses valores, além de ser conivente com a injustiça social que eles representam, impede que haja uma relativização sobre a mulher e sua liberdade em um contexto moderno. Isto significa um campo ainda muito vasto de desconstrução para que novos espaços sejam conquistados.

Considerações finais

Como foi dito anteriormente, considerando que somos uma sociedade machista, a luta contra o machismo, não deve caber apenas às mulheres. É função de todos se voltarem contra esses valores cruéis, injustos, assassinos que buscam ver a vida e a realidade sob este prisma que acusa, julga e condena.

Buscou-se, ao longo desse artigo, questionar diversos papéis que são distribuídos em nossa sociedade. Principalmente, o papel da mulher associado a juízos de valores burgueses que devem ser questionados, bem como, o do jornalista, como criador de um discurso sobre o outro mediante alguns propósitos bem claros.

A falta de dados, as afirmações levianas, o reforço do machismo e do *status quo* dominante, são apenas alguns dos exemplos encontrados na matéria analisada. Mesmo que esse caso seja específico e isolado, compromete todo o fazer jornalístico com seu mau exemplo. E, assim, todos perdem, uma vez que a credibilidade destinada ao jornalismo, e a descrença que parece afetar a profissão, se alastram por todo o meio.

Como foi destacado, muito mais do que a figura da ex-primeira-dama francesa, Carla Bruni, o que se tentou criar foi uma alegoria da mulher que não segue os padrões normativos paternalistas. A consequência foi um ataque carregado de violência simbólica.

O que fica evidente é que o jornalista não é isento em seu discurso, muito menos, imparcial em sua construção midiática dos fatos. Ele carrega valores e ideologias que são determinantes em sua escrita, posicionamento e forma de retratar o outro.



REFERÊNCIAS

AZUBEL, L. **Revistas *Veja* e *Época*: um olhar complexo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BENJAMIN, W. **A origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, H. **Analisando o discurso**. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2013.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia?**. Disponível em: <<http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Livros/O%20QUE%20C3%89%20IDEOLOGIA%20-Marilena%20Chaui.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

JUNKES, L. **O processo de alegorização em Walter Benjamin**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/5361/4758>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

KRUPINISKI, R. ***Época* e *Veja*: imperialismo em revista ou revistas imperialistas? (2003 a 2006)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011.

LAMOGLIA, C. MINAYO, M. **Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n2/a28v14n2.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

MIRABILI, R. **Estudo de *Época*: uma abordagem atual de procedimentos e critérios de manipulação das capas da revista *Época***. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2011.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

REIS, M. **Imagem corporativa: gênese, produção e consumo**. Belo Horizonte: UFMG/FACE, 1991.



SORG, L. **Carla Bruni**: a rainha está nua. Disponível em:
<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT172920-15215-172920-3934,00.html>>.
Acesso em: 13 nov. 2013.



Anexos

Primo Plano
Fatos, Pessoas, Ideias e Tempo do Tempo

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
Biblioteca Central

Personagem da semana
Carla Bruni

CELEBRIDADE

A rainha está nua

Uma biografia mostra a verdadeira mulher no posto de primeira-dama francesa

Leticia Sorg

EM FEVEREIRO de 2008, quando Carla Bruni se tornou a primeira-dama da França, muitos duvidaram que a ex-modelo e cantora italiana, conhecida por sua beleza e por seu extenso currículo amoroso, pudesse se adequar ao papel cerimonioso de mulher do presidente Nicolas Sarkozy. Na semana passada, dois anos e sete meses depois do casamento que uniu a beleza liberal ao líder conservador, a publicação de uma biografia não autorizada ilustra a enorme distância que Carla, aos 42 anos, avançou na reconstrução da própria imagem.

FEMME FATALE
Carla Bruni como modelo. Era linda, mas a carreira foi ajudada pelo envolvimento com homens famosos

Foto: Wayne Maser/Icon International



Primeiro Plano



Personagem da semana



De acompanhante de roqueiros casados e modelo de incontáveis ensaios de nudismo, ela metamorfoseou-se em dama internacional que defende causas nobres, como as vítimas da aids e a iraniana Sakineh Mohammadi Ashtiani, condenada à morte por apedrejamento, acusada de assassinato e adultério.

O lançamento de *Carla: une vie secrète*, da jornalista francesa Besma Lahouri, fez lembrar que Carla Bruni costumava ser um dom-juan de saias. Amparada em 18 meses de pesquisa e 100 entrevistas (nenhuma delas com a primeira-dama), Besma retrata uma mulher “atraente e impetuosa, livre e calculista, fiel às amizades e volúvel no amor”. “Ela não serve para o papel de primeira-dama porque não está acostumada a fazer esforço nenhum”, disse Besma a *ÉPOCA*. “A imagem atual de Bruni é uma ficção.”

De uma família rica de Turim, na Itália, a atual primeira-dama abandonou o curso de arte e arquitetura na Universidade Sorbonne para, aos 19 anos, começar uma bem-sucedida carreira de modelo. Chegou a estar entre as 20 mais bem pagas do mundo. Até que ponto sua beleza e seu talento nas passarelas garantiram seu sucesso é difícil avaliar. Sua presença constante no noticiário, acompanhada de homens famosos, pode ter contribuído. Um bom exemplo é o affaire com o rolling stone Mick Jagger, nos anos 1990. Ele arremessou Carla rumo ao estrelato mundial e teria sido mais premeditado do que seu namorado à época, o músico Eric Clapton, poderia imaginar. Segundo a biografia, Bruni alardeou para os amigos que

havia conquistado Jagger – um “objetivo” que teria estabelecido para si mesma aos 15 anos de idade. Clapton, apaixonado, pedira que Jagger não desse em cima da moça. Deveria ter pedido também que o amigo não cedesse se ela tomasse a iniciativa. O caso de oito anos com Jagger acabou com um telefonema de Jerry Hall, com quem o roqueiro era casado. Ela teria ligado para Carla para exigir explicações. Diz o livro que a modelo negou o envolvimento e, afastando vagorosamente o fone do ouvido, desligou o aparelho.

Com tantos ex-namorados, é inevitável que ela colecionasse inimigas. Uma delas, a escritora Justine Lévy, que era casada com o filósofo Raphaël Enthoven quando ele começou a ter um caso com Carla, vingou-se criando uma personagem sedutora-serial que mantém a beleza à custa de plásticas. A primeira-dama nega ter feito procedimentos estéticos, mas, segundo a biografia, sua primeira cirurgia foi aos 16 anos – no nariz. De lá para cá, teria feito várias outras, sempre com um cirurgião francês.

Para a autora da biografia, a elegante e discreta primeira-dama Bruni-Sarkozy estaria falseando não só suas rugas, mas suas opiniões, sua personalidade e até suas causas. A participação dela na fundação de apoio às pessoas com aids – doença

“Ela não está acostumada a fazer esforço nenhum. Sua imagem é uma ficção”

BESMA LAHOURI, biógrafa de Carla Bruni

A LISTA
Os homens de Carla. O roqueiro Eric Clapton, o “sonho de adolescente” Mick Jagger, o bilionário Donald Trump, o filósofo Raphaël Enthoven (pai do filho dela) e Sarkozy. A menina com medo da solidão se transformou numa mulher cercada de homens poderosos

da qual seu irmão morreu, em 2006 – seria quase nula, apenas uma iniciativa publicitária.

Em seu favor, a primeira-dama tem a infância de pobre menina rica: seus pais ausentes estavam, segundo a biografia, ocupados com numerosos casos extraconjugais. Adulta, Carla soube que seu pai biológico não era Alberto Bruni Tedeschi, mas Maurizio Remmert, um italiano radicado no Brasil que havia tido um affaire com sua mãe. Segundo um amigo próximo, ela chegou a viver num internato na Suíça e odeia a solidão. Isso explicaria o fato de viver cercada de homens.

No verão de 2008, Carla teria convidado três ex-namorados – o filósofo Enthoven, pai de seu filho, o ator Vincent Perez e o músico Louis Bertignac – para passar o verão junto com ela e Sarkozy na Riviera. O que foi interpretado como uma humilhação para Sarkozy e uma demonstração de poder quase tirânica da “femme fatale” (como ela mesma se define) também poderia revelar uma “femme fragile”, que precisa estar acompanhada de homens poderosos para se sentir segura. Na biografia, revela-se que a supersedutora não ficou feliz quando seu marido foi jantar com a atriz Catherine Zeta-Jones em Nova York.

Para conter os danos provocados pelo livro de Besma, foi lançada, também na semana passada, outra biografia da primeira-dama, escrita por Michael Darmon e Yves Derai. Eles negam que o livro tenha sido uma encomenda, mas a obra concentra-se na vida de Carla Bruni ao lado de Sarkozy. Para eles, a primeira-dama falou.